

DOIS ASPECTOS SOBRE UM NOVO CÓDICE SEISCENTISTA DE FLÁVIO JOSEFO: AS AFINIDADES DE NOÉ E DO UTANAPISHTIM MESOPOTÂMICO E ALGUNS TESTEMUNHOS DAS ANTIGUIDADES JUDAICAS NA HISTÓRIA DO LIVRO MEDIEVAL EUROPEU

*Em homenagem ao professor e investigador
de temas pré-clássicos, José Nunes Carreirá¹*

A obra de Flávio Josefo - que vamos aqui apreciar em dois aspectos restritos e manifestamente sumários (lembrando o Prof. Nunes Carreira) - é hoje relativamente bem conhecida em meios universitários da Europa do Ocidente. Tal ficou a dever-se, no essencial, desde que alguns filólogos oitocentistas se empenharam na restituição dos textos das suas principais obras. Regredindo no tempo, importa precisar que ela circulou já, nos principais meios cultos europeus, desde começos da Idade Moderna e até mesmo, embora em casos mais restritos, ao longo da Idade Média.

Pensando-se nas últimas décadas, alguns dos mais destacados medievistas, como Jacques Le Goff, já votaram alguns estudos exemplares⁽²⁾ à obra de Flávio Josefo. Trata-se de um autor já relativamente conhecido em Portugal, sobretudo depois dos abundantes e enriquecedores estudos que lhe têm sido votados por Nuno Simões Rodrigues, da Faculdade de Letras de Lisboa - que, como é sabido, redigiu (provavelmente entre 94 e 96 d. C., em Roma) uma apologia dos judeus.

Esta minoria étnica, muitas vezes relegada para a margem, para a periferia da sociedade, - não sendo constituída nem de heréticos nem de ímpios - como bem estabeleceu Hanna Zaremska, medievista e membro da Academia das Ciências da Polónia - formava na Idade

Média um «grupo à parte»⁽³⁾. Foi precisamente Flávio Josefo, historiador de origem judaica que, no já referido século I, dedicou uma parte significativa da sua obra (em termos de apologia do pensamento da crença das suas gentes) a procurar defender os Judeus contra as mais diversas acusações que vários historiadores tinham posto a circular.

Num país como Portugal não são abundantes, tanto no passado como no presente, as fontes codicológicas históricas de temática judaica. Pesem, embora, as investigações e publicações sobre a cultura e a espiritualidade deste povo por parte de autores como Samuel Schwarz, Magalhães Basto ou, num passado mais recente, as de especialistas como Maria José Ferro Tavares ou Elvira Mea. Quanto a publicações periódicas sobre essa temática, a sua presença no meio intelectual português⁽⁴⁾ é praticamente nula.

1. A obra do historiador Flávio Josefo no Portugal do século XVII e a sua mais recente difusão em Portugal

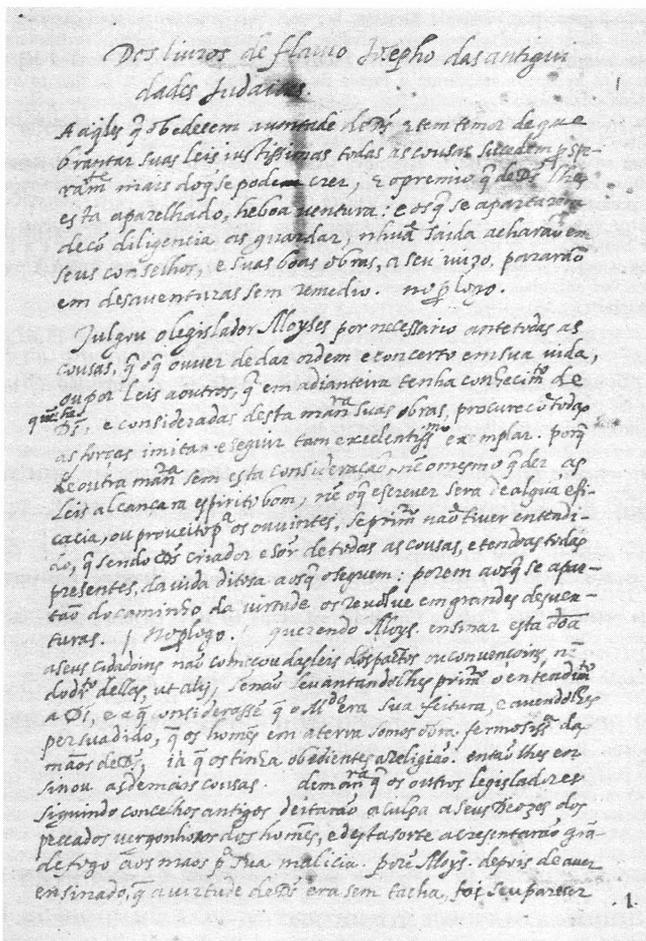
De entre os testemunhos documentais manuscritos conhecidos e existentes em Portugal com a obra de Flávio Josefo, um novo códice encontra-se, agora, aos dispor dos especialistas e dos investigadores. Trata-se de um códice que foi seguramente produzido em meios eclesiásticos portugueses no século XVII. Apresenta o título *Dos liuros de Flauio Josepho das antiguidades judaicas* e foi recentemente adquirido pela biblioteca da Associação Centro de Estudos de História do Livro e da Edição - CEHLE, dirigida pelo autor do presente estudo.

Este códice apresenta alguns aspectos que o aproximam, de algum modo, de outras fontes existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa como as identificadas com as cotas HG 1292-3 P e HG 3527 P⁽⁵⁾. Procedendo-se, mais adiante, a uma sua descrição sumária, importa desde já referir que este códice poderá, em breve, vir a ser objecto de edição nas páginas da *Revista Portuguesa de História do Livro* (que se edita desde 1997), o órgão semestral da referida associação.

Importa especificar, neste passo, que se trata de um autor já relativamente editado e estudado tanto na Europa em geral como no nosso país nas últimas décadas. Pensando-se apenas nalgumas das mais destacadas edições das *Antiguidades Judaicas* sublinhemos, apenas, as de Tackeray-Marcus-Feldman (Londres, 1960-61); Nodet-Berceville-Paul-Warschawski (Paris, 1990) ou a de Canto-Cruz-Souza, esta sob

o título *História dos Hebreus, De Abraão à queda de Jerusalém. Obra Completa* (Rio de Janeiro, 1990)⁽⁶⁾.

No que concerne a Portugal, devem-se a Nuno Simões Rodrigues obras como *O Rei Saul segundo Flávio Josefo* (Lisboa, 2000), bem como alguns estudos parcelares nesta vertente, de que destacamos, entre outros, «A função do encómio na caracterização de personagens bíblicas em Flávio Josefo: o exemplo de Saul» (Porto, 2000); «O retrato de Augusto em Flávio Josefo» (Lisboa, mesmo ano); ou «A recepção da cultura grega em Flávio Josefo: Literatura, Mitologia e Religião» (Lisboa, 2003).



Primeiro fólio do códice *Dos liuros de Flauio Josepho das antiguidades judaicas* (col.© CEHLE, Lisboa) produzido em Portugal no século XVII.

2. Da descrição sumária do códice

Este códice, na sua materialidade, apresenta as dimensões de 20,5 x 28 cm e integrando 94 fis. num. Os dados em presença apontam para que esta fonte tenha sido produzida em Portugal no século XVII. Por uma avaliação dos aspectos caligráficos do mesmo, facilmente se conclui que a redacção tenha sido concluída na primeira metade daquele século no nosso país.

Quanto às secções finais desta interessante fonte documental regista-se que no segundo dos quatro últimos fólios (estando o último em branco), há uma menção que se nos afigura ter, ainda, algum interesse. Menciona-se aí: «Treslado de hua copia autentica & verdad® de como os Religiosos uão em Romanas procições, e lugar de cada religião e suas filiais».

Os dados em presença apontam para que esta fonte tenha sido produzida em Portugal no século XVII. Continuando a deter-nos sobre os últimos fólios do mesmo códice, existe, aliás, um dado pormenor que vem comprovar esta afirmação. No penúltimo fólio (último em termos de redacção) foi deixado patente, a esse respeito, o seguinte testemunho pelo calígrafo:

(...) Gregário das Chagas ... no principio de lu lho de 1627. E esta en seu poder em tibãins ou no Colégio de S. Bento de Coimbra donde tresladej esta por m. arriba escrita.

Este códice apresenta alguns aspectos que o aproximam, de algum modo, de outras fontes existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa como as identificadas com as cotas HG 1292-3 P e HG 3527 P⁽⁷⁾. Assinale-se, aliás, que o autor do presente texto, Flávio Josefo, já se encontra relativamente editado e estudado, nas últimas décadas, tanto na Europa em geral como no nosso país. Pensando-se apenas nalgumas das mais destacadas edições das *Antiguidades Judaicas* sublinhemos, apenas, as de Tackeray-Marcus-Feldman (Londres, 1960-61); Nodet-Berceville-Paul-Warschawski (Paris, 1990) ou a de Canto-Cruz-Souza (Rio de Janeiro, 1990)⁽⁸⁾.

3. Dos tempos de Flávio Josefo aos de Guilgamesh (no terceiro milénio antes de Cristo) e aos primórdios da história do livro

Vamos deter-nos - dadas as dificuldades (de espaço) para poder-mos desenvolver uma apreciação mais pormenorizada das matérias

que foram vertidas para este códice original - sobre alguns dos seus aspectos textuais que reputamos de algum interesse.

O responsável pelo «traslado» optou por, aqui e ali, sublinhar algumas das passagens que possam dar alguns indicações específicas ao leitor. Estas não correspondem, no entanto, aos tradicionais capítulos e subcapítulos que, na lição (ou lições) histórica ou *tradio* do texto, são apresentadas como mais frequentes.

Optou ainda por acrescentar (seguindo a metodologia da época), para comodidade dos leitores, algumas «apostilhas» onde vai sumariando alguns aspectos da textualidade mais marcantes que pretende sejam retidos.

No f.^s 2 r.⁹ o autor das *Antiguidades Judaicas* passa em análise o contexto da descendência dos Judeus. Neste âmbito e numa perspectiva diacrónica de grande abrangência, vai até ao domínio das gerações legadas ao mundo por Noé^{<9>}, naqueles tempos que se seguiram ao período em que a sua arca acostou a terreno enxuto.

Naturalmente que no período do século I d. C. em que Flávio Josefo escreveu estas considerações os testemunhos documentais veterotestamentários continuavam a constituir - tanto em Roma (onde Flávio Josefo escreveu) como em outras regiões da bacia mediterrânica - as principais em utilização acerca destas raízes míticas. Seria preciso decorrerem muitos séculos até que esta visão bibliocentrista viesse a ser alterada, incluído neste aspecto particular dos acontecimentos em torno de Noé, da sua fé, dos seus feitos e da sua descendência.

Torna-se necessário, deste modo, recuar no tempo até ao período em que viveu, na região de entre o Tigre e o Eufrates, c. 2700 a. C., essa figura lendária que foi Guilgamesh. A sua epopeia, como é sabido, deixava já para a posteridade uma *tradio* textual sobre Noé distinta da veterotestamentária. Importa registar que o texto do Genes/s*¹⁰ constitui apenas um dos múltiplos testemunhos nessa matéria.

Para descortinar alguns dos envolvimentos dessa *tradio* textual noesiana específica, importa recuar até 3 de Dezembro de 1872, quando o jovem arqueólogo britânico George Smith revelou ao mundo culto, em Londres, o conteúdo de uma tabuinha de argila - a 11 d e uma série de 12 - referente precisamente à epopeia de Guilgamesh^{<11>}. Esta tinha sido descoberta havia uma dezena e meia de anos, num palácio norte-iraquiano.

Flávio Josefo como helenista não teria naturalmente conhecimento, ao redigir as suas *Antiguidades*, deste outro ramo da *tradio*

textual noesiana da antiga civilização de entre o Tigre e o Eufrates. No texto daquela epopeia (aqui referenciada sumariamente sob a sigla EP. GILG. numa perspectiva comparativista com as *Antiguidades Judaicas* (referenciada, por sua vez, pela sigla ANT. JUD.), já constavam, efectivamente, algumas passagens como aquela em que se regista a ordenação de Deus a Noé, pela justeza que encontrava nos seus costumes:

EP. GILG. - «Vais demolir a tua casa e construir um barco! Renuncia às tuas riquezas para salvar a tua vida! Volta as costas aos teus bens para te conservares são e salvo! Embarca porém contigo dez espécies de todos os animais.»

O autor das *Antiguidades Judaicas* deixa o registo da voz de Deus não num discurso directo mas como uma narrativa do sucedido, numa época que se perde nos começos da história⁽¹²⁾:

ANT. JUD. - «Deus, que 0 amava (...) ordenou que construísse uma arca (...) e que levasse todo 0 necessário para o seu alimento e também para os animais de todas as espécies, os quais ele deveria levar consigo, para conservar-lhes a raça...»^{<13>}

No texto dessa mesma epopeia de Guilgamesh pode ainda ler-se, um pouco adiante, uma caracterização sumária das condições atmosféricas em que decorreu o dilúvio que submergiu toda a terra:

ER GILG. - «Ao longo de seis dias e sete noites, borrascas, chuvas com ímpeto, tufão, tudo seguido do dilúvio, devastaram toda a terra...»

ANT. JUD. - «Ela (a arca) resistiu à violência das águas e dos ventos e salvou Noé e sua família da inundaçãõ geral, que fez morrer todos os outros homens...»^{<14>}

Importa ter em conta, porém, que a carga mítica de toda esta narratologia (e seguimos as premissas heurísticas de Todorov e de Derrida) deixa numerosos hiatos interpretativos em aberto. Não se pode descurar, com efeito, as premissas levantadas, entre outros, por Kenneth C. Davis (em 2005) quando estabeleceu:

«A complicar ainda mais a questão acresce 0 facto de a história do dilúvio de Utnapishtim não ser 0 único relato de uma inundaçãõ de grandes proporções na mitologia mesopotâmica. Existem, na verdade, duas outras histórias sobre um grande dilúvio destruidor. Uma é um antigo conto sumério sobre Ziusudra, a quem é dito que os deuses planeiam destruir a humanidade»^{<15>}.

E adianta Kenneth C. Davis a este respeito:

«Os pormenores desta antiga história são imprecisos, pois nunca foi encontrada uma versão completa. Porém, o seu tom é muito semelhante tanto a Guilgamesh como a uma outra história sobre um homem chamado Atrahasis, que se encontra no mito babilónico da criação Enuma Elish»⁽¹⁶⁾.

Pelo exposto pode concluir-se facilmente que estes testemunhos, num plano textual, tiveram uma evolução temporal completamente independentes um do outro. Outro aspecto a relevar é o de toda a descrição em torno quer de Noé quer do dilúvio - como aliás sucede em relação a tão numerosas passagens veterotestamentárias - decorrer num plano meramente mítico, com frequentes recorrências a alegorias e outras imagens de estilo.

4. À procura do conhecimento do segredo da vida eterna

José Nunes Carreira - outro profundo conhecedor da obra de Flávio Josefo - deu testemunho, de igual modo, nos seus estudos de *Literaturas da Mesopotâmia*, da presença de Noé no aludido texto associado a Guilgamesh⁽¹⁷⁾. Este pré-classicista, depois de referir que «só em 1965 se pôde reconstituir cerca de 4/5 [desta epopeia]», regista que esta veio a ser conhecida na discussão científica pelo nome do protagonista, Atramhasis (o «excelente em sabedoria»), o equivalente bíblico do Noé e do Utanapishtim, da *Epopeia de Gilgamest*[®].

Guilgamesh tem em conta que já alguém conseguiu superar a morte, ou seja, aquele que sobreviveu ao dilúvio beneficiou da recompensa da imortalidade. Sentido necessidade de ir simbolicamente ao seu encontro, para Guilgamesh nenhum obstáculo (como as montanhas, os desertos, ou as águas turbulentas do mar) o impediria efectivamente «de ir à procura de Uta-napishtim, o Noé babilónico depois de Atramhasis»⁽¹⁹⁾ (também referido por Kenneth C. Davis). Para este investigador português seria como que obedecer ao ensejo de conhecer aquele que referencia como o segredo da vida eterna.

Está-se assim perante uma tensão dualista que Nunes Carreira estabelece situar-se «entre o desejo e a realidade, entre o perigo e a sua superação que não levará a nada»⁽²⁰⁾, pairando constantemente na linha do horizonte o medo da morte:

«Por causa do seu amigo, Enkidu, Gilgamesh
vai errante, deserto fora, chorando amargamente.
“Irei morrer, eu também? Não terei a sorte de Enkidu?
A angústia entrou no meu coração
E, por medo à morte, vou errando deserto fora.
Para ir ao encontro de Uta-napishtim, O filho de Ubar-tutu,
Aos passos da montanha cheguei de noite,
Vi leões e tive medo!...» (IX, 1-9).

Guilgamesh está, assim, perante o difícil caminho do retorno, o do encaminhamento pela rota das origens, pelo mito do eterno retorno.

5. Flávio Josefo e a ascendência de Noé entroncando na linha genealógica de Adão

Nessa caminhada não deixa de haver o reconhecimento da existência dos antepassados de sangue. Flávio Josefo vai, assim, ao reencontro do passado de Noé. Estabelece, assim, que quando ocorreu o dilúvio ele teria a mítica soma de 600 anos de idade⁽²¹⁾.

Josefo deixa bem claro que, em sua opinião, o sobrevivente da submersão (parcial) da Terra foi, efectivamente, «o décimo descendente de Adão, de masculino em masculino, pois era filho de Lame - que, que era filho de Matusalém»⁽²²⁾. Este último, por sua vez, era filho de Jaredé, que já por si era filho de Maalalel, que contava com vários irmãos.

Seguindo essa mesma linha genealógica mítica, Flávio Josefo considera que Maalalel era filho de Cainã, que por seu lado era filho de Enos. E assim se chega retrospectivamente a Sete (e quem Enos era filho), uma vez que aí se considera ainda que Sete era filho de Adão⁽²³⁾.

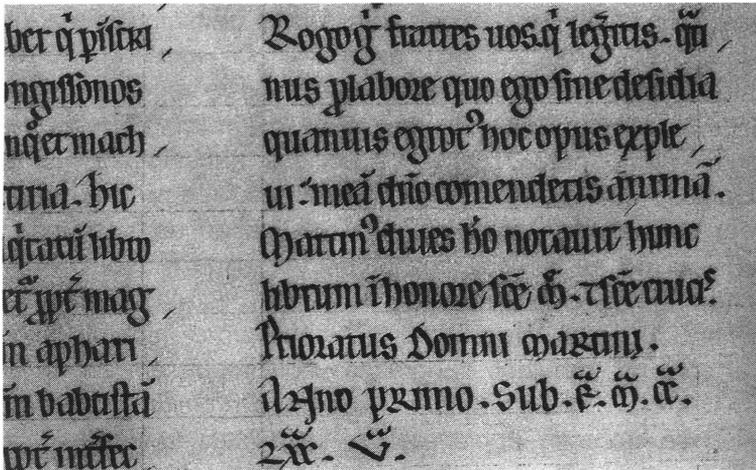
Outro aspecto a considerar é o de que, comparativamente com os seus antepassados, Noé talvez tivesse outras características - em termos de fiel seguidor dos ensinamentos de Javé - diferentes (no sentido de melhores) das daqueles.

Talvez Uta-napishtim (decalque de Noé⁽²⁴⁾) reunisse também, na epopeia de Guilgamesh, mais condições que seu pai, Ubar-Tutu, rei da cidade de Churuppak⁽²⁵⁾ - para escapar, como o eleito, à devastação. Isso porque o pai mítico e fundador, tanto no referido texto mesopotâmico como no discurso veterotestamentário, além do que tem no plano da bondade, também o tem no plano da tirania e do castigo.

6. A difusão da obra *Antiquidades Judaicas* na historia da imprensa incunabular

Desde o século I até aos alvares da Idade Moderna, pode referir-se que os códices com a obra de Flávio Josefo, no todo ou em parte, não deixaram de continuar a multiplicar-se. Não é este o espaço para nos determos sobre a manutenção de uma *traditio* codicológica da obra deste autor desde o século I até aos fins da Idade Média (o que anteriormente já estudámos).

Vejamos dois meros exemplos e muitos outros poderiam ser aqui apresentados. O primeiro diz respeito ao códice, provavelmente produzido na Península Ibérica e datado de 1237, intitulado precisamente *Antiquidades Judaicas*, tendo já Rufino de Aquileia por intérprete. Com a classificação de Santa Cruz 18 (n.º geral 41), esta valiosa fonte, tal como facilmente se conclui, pertenceu ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra⁽²⁶⁾.



Aspectos de pormenor de um dos fólhos do códice com *Antiquidades Judaicas*, BPMP, Santa Cruz 18 (n.º geral 41), f.º 284

Um outro caso da circulação medieval dos textos de Josefo pode, sumariamente, ser ainda aqui perspectivado. Entre 1404 e 1407, Jean de Berry dotou a Santa Capela de Bourges, que fundou, de fontes manuscritas de particular importância⁽²⁷⁾. Os títulos de fundação desta Capela enumeram - além de outras preciosidades (tais como relicários,

outras jóias e paramentos diversos), sessenta e sete manuscritos, muitos deles iluminados. Um desses códices doados por Jean de Berry foi precisamente a obra de Flávio Josefo.

Não nos detemos aqui, portanto, em alguns aspectos que permitem o estabelecimento de uma manifesta ponte entre essa mesma *traditio* (que vai do século II ao século XV) e o início da cristalização tipográfica, no período incunabular, das obras deste mesmo historiador judaico.

Essa circulação, no período dos alvares do Impresso, dos trabalhos deste escritor judaico-romano ocorre essencialmente em quatro contextos: I - Itália; II - Alemanha; III - Bélgica; e IV - Espanha (não coincidindo naturalmente, nesse período quatrocentista, a geografia política com as nações hoje assim referenciadas).

I - A circulação de obras do autor em terras da actual Itália (e na Flandres): a fixação do texto por Rufino de Aquileia

Uma das primeiras edições, em terras transalpinas da obra de Flávio Josefo em terras transalpinas ocorre em Roma, em 1575 quando o impressor Arnoldus Pannartz termina a composição tipográfica (em 25 de Novembro) do texto do *De Bello Iudaicó*²⁶⁾. Pelos dados aí expressos - tanto nesta como nas edições transalpinas que adiante referenciamos - sabe-se que tanto neste caso (como nos adiante explicitados) esse compositor seguiu, aí, a fixação do texto por Rufino Aquileiensi, já conhecido em terras ibéricas desde o século XIII^{<29)}.

Denotando já mais amplas preocupações, o impressor Petrus Maufer, na cidade de Verona, veio por seu lado a imprimir cinco anos depois - com os trabalhos tipográficos concluídos em 25 de Dezembro de 1480 - do mesmo autor, os *Opera. De Bello Iudaico. De antiquitate Iudaeorum contra Appionem (I). Antiquitates Iudaicae (II). (Omnia latine)*. Rufino Aquileiensi interprete^{<30)}.

Poucos meses depois esta experiência de imprimir Flávio Josefo ocorria na cidade de Veneza. Aí o impressor Raynaldus de Novimaggio deu à estampa, do mesmo autor, os *Opera (De Bello Iudaico. De antiquitate Iudaeorum contra Appionem)*. *(Omnia latine)*³¹⁾. Tendo esta obra duas partes, a primeira foi tecnicamente concluída em 31 de Março e a segunda em 10 de Maio desse ano de 1481.

Entretanto cinco anos depois, e ainda em Veneza, o impressor Johannes Rubeus Vercellensis imprimiu os *Opera (Antiquitates Iudaicae. De bello Iudaico. De antiquitate Iudaeorum contra Appionem)*. *(Omnia*

latine^{2.21}). Os trabalhos tipográficos, na oficina de Octaviano Scoto, foram concluídos, desta feita, em 23 de Outubro de 1486^{<33}).

Cerca de uma dúzia de anos depois, tudo indica que um familiar daquele impressor veneziano, desta feita Albertinus [Rubeus] Vercellensis contribuiu para uma nova edição - na mesma oficina tipográfica de Octaviano Scoto - dos trabalhos de Flávio Josefo. Apresentando-se, aí, os mesmos textos daquele autor constantes da edição anterior, a ordem de apresentação dos mesmos agora era diferente: *Opera (Antiquitates Iudaicae. De antiquitate Iudaeorum contra Appionem. De bello Iudaico). (Omnia latine)*^{34K} Era seguido uma vez mais, segundo cremos, o texto fixado por Rufino de Aquileia.

Algumas razões (que desconhecemos) levaram a que a *traditio* textual dos textos de Josefo fixada por Rufino de Aquileia se encontre também em meios intelectuais flamengos nessa mesma segunda metade do período quatrocentista. Em tipografia epónima identificada por F. Craviotto por «S.I.: Belgii», ocorreu uma edição não datada - mas a que é atribuída a data de 1475 - com a inclusão dos *Opera (Antiquitates Iudaicae. De Bello Iudaico). (Omnia latine)*³⁵).

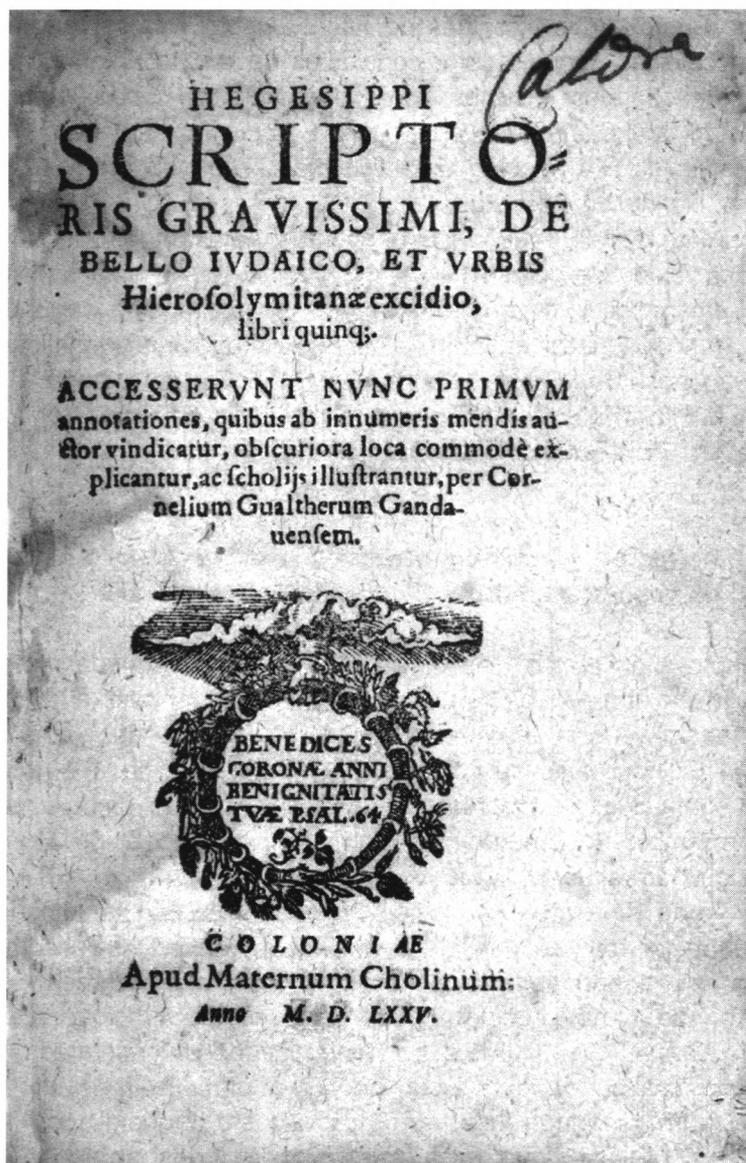
II - A *traditio* germânica e a fixação do texto da responsabilidade de Johannes Schuessler

Quanto à circulação das obras de Josefo na segunda metade do século XV, no espaço geográfico hoje identificado com a Alemanha, pode referir-se que a *traditio* de fixação textual é, de algum modo, autónoma da de Rufino de Aquileia. Ela esteve associada - nos testemunhos conhecidos - a Johannes Schuessler, tendo embora, naturalmente, matrizes documentais comuns em relação à de Rufino de Aquileia em terras transalpinas.

No Verão de 1470 - ou seja, cinco anos antes da primeira edição incunabular romana de Josefo atrás identificada - saiu com efeito impressa, na cidade germânica de Augsburg, a colectânea dos textos latinos de Flávio Josefo: *Opera (Antiquitates Iudaicae. De Bello Iudaico). (Omnia latine)*. É sabido, pelos dados aí constantes, que a preparação técnica da obra ocorreu, numa primeira fase, até 28 de Junho; e, numa segunda fase, até 23 de Agosto daquele ano.

É bem provável que essa *traditio* textual das obras de Josefo fosse continuada, ao longo do período quinhentista, em várias oficinas tipográficas germânicas. Na biblioteca da associação Centro de

Estudos de História do Livro e da Edição encontra-se um exemplar da edição *Hegesippi Scriptoris Gravissimi, De Bello Iudaico, et Urbis Hierosolymitanae excidio, libri quinque*. Esta edição é de Colónia e realizou-se na oficina «Cholinum», em 1575⁽³⁶⁾.



Frontispício da edição do *De Bello Iudaico*, de Flávio Josefo, ocorrida em Colónia (Alemanha), em 1575

III - A *traditio* castelhana entre Nicolas Spindeier e o filólogo(-tradutor) Alfonso de Palencia

Entretanto na Península Ibérica a obra de Flávio Josefo também conheceu, nesse mesmo período, uma significativa divulgação por via do impresso. Assinale-se que em 1482 - poucos meses depois da segunda e da terceira edições transalpinas da obra deste autor atrás identificadas - o impressor germânico Nicolas Spindeler (então aí em actividade) deu à estampa, na cidade de Barcelona, e em catalão, *Antiquitates Iudaicae*⁽³⁷⁾.

A leitura dos interesses de Spindeler⁽³⁸⁾ - que concluiu técnica-mente essa edição em 1 de Abril de 1482⁽³⁹⁾ - pode ser complementada por alguns dizeres constantes no final dessa mesma edição:

«Acaba la historya del elegantissim Ioseph en lo libré de'les àtiquitats. [a']L gran e infinit deu per mesa gloria... permetent ... esser donada fi a la ... singular obra d'l grã hystoriogrph ioseph.. traduit d'istilat lati en nostre vulhar lengua catalana. La q[ua]l obra es stada empremtada per lonrat mestre Nicholau spindaler empremtador e habitat en la ciudat de Barcelona ... e lo p[ri]mer de Abril acaba any d'la incarnacio d'l fill d'deu e saluador nostre Iesu. M.cccc.Lxxxii. Deo gratias.»⁽⁴⁰⁾

Esta não foi, porém, a única vez que a obra de Flávio Josefo, no período incunabular, conheceu a difusão pela técnica da impressão em terras da Península Ibérica. Dez anos depois, mais precisamente em 27 de Março de 1492, foi concluída, em Sevilha, uma nova edição, desta feita não em catalão mas em castelhano, com a versão do texto da responsabilidade de Alfonso de Palencia⁽⁴¹⁾. Aí se apresentam, com efeito, os *Opera (De Bello Iudaico. De antiquitate Iudaeorum contra Appionem): De la guerra Iudaica, com los libros contra Apióri*^(A2), cabendo a edição, desta feita, aos impressores, também germânicos, Meinardo Ungut e Estanislao Polono.

Neste caso editorial particular o leitor está perante uma *traditio* textual que (à falta de mais elementos disponíveis) poderá ser contextualizada nestas duas vertentes. Há a considerar, por um lado, que estes dois impressores germânicos possam ter seguido uma *traditio* textológica proveniente das regiões de onde eram originários. Não será no entanto menos despiciendo constatar da existência, então, de inter-relações muito profícuas de intelectuais peninsulares que viajavam por Itália ou aprofundavam os seus conhecimentos em universidades dessa região com as de Bolonha, ou Pádua. Será mais seguro,

a nosso ver, que as duas hipóteses de uma *traditio* textual dos textos de Josefo na Península Ibérica, no último quartel do século XV, se mantenham em aberto.

Notas

(1) Este estudo foi concebido e produzido no período da organização da obra colectiva *Percursos do Oriente Antigo. Homenagem a José Nunes Carreira na sua Jubilação Académica*, Lisboa, Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2004 (sendo no segundo semestre de 2007 apenas objecto de alguns acertos bibliográficos finais).

(2) *Vide*, de Jacques LE GOFF, «À propos de Flavius Josephé», in *Commentaire*, n.º 50, Verão de 1990, pp. 383-390.

(3) Hanna ZAREEMSKA, «Marginaux», in *Dictionnaire Raisonné de l'Occident Médiéval* (direcção de Jacques Le Goff e de Jean-Claude Schmitt), Paris, Fayard, 1999, pp. 639-654, em particular p. 643.

(4) Poderá referir-se, em termos de feliz excepção, os esforços desenvolvidos, há (poucas) décadas atrás quando, no âmbito da Associação de Amizade Portugal-Israel, teve uma relativamente curta existência, sob o empenho de Samuel Levy, a revista *Or* (Lux), de que tivemos ocasião de ser secretário de redacção.

(5) Também Maria Helena UREÑA PRIETO, Na sua entrada «Flávio Josefo», no *Dicionário de Literatura Grega*, Lisboa, Verbo, 2011, alude, in p. 272, a estas fontes (de que, há diversos anos, solicitámos as devidas reproduções para os nossos estudos, quando éramos).

(6) Esta última, existente no CEHLE, integra de igual modo (in pp. 935 e sgts.) outros trabalhos do autor como *Guerra dos Judeus contra os Romanos*, inserindo-se nesta parte específica a *Vida de Flávio Josefo escrita por ele mesmo*.

(7) Também Maria Helena UREÑA PRIETO, na sua entrada «Flávio Josefo», no *Dicionário de Literatura Grega*, Lisboa, Verbo, 2001, alude, in p. 272, a estas fontes (de que, há diversos anos, solicitámos as devidas reproduções para os nossos estudos, quando éramos).

(8) Esta última, existente no CEHLE, integra de igual modo (in pp. 935 e sgts.) outros trabalhos do autor como *Guerra dos Judeus contra os Romanos*, inserindo-se nesta parte específica a *Vida de Flávio Josefo escrita por ele mesmo*.

(9) Veja-se, na edição de *Antiguidades Judaicas* de CANTO-CRUZ-SOUZA (Rio de Janeiro, 1990), cap. I-3. «Da posteridade de Adão até ao dilúvio, do qual Deus preservou Noé por meio da arca, prometendo-lhe não mais castigar os homens com dilúvio» (pp. 79-83).

(10) Remete-se, em particular, para *Génesis*. 6.

(11) *L'Épopée de Gilgamesh. Le grand homme qui ne voulait pas mourir*, tradução e apresentação por Jean BOTTÉRO, Paris, Gallimard; *L'Épopée de Gilgamesh et sa postérité*, por Jean-Daniel FOREST, Paris, Éditions Méditerranée; *Il était une fois la Mésopotamie*, por Jean BOTTÉRO e Marie-Joseph STEVE, Paris, Éditions Gallimard. - *Vide*, ainda, *Dictionnaire de la civilisation mésopotamienne*, sob a direcção de Francis JOANNÈS, Paris, Éditions Robert Laffont. O Prof. José Nunes CARREIRA, in *Literaturas da Mesopotâmia*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2002, p. 142, alude também à narrativa do dilúvio na epopeia de Gilgamesh, «cujas semelhanças com a sua congénere bíblica deixaram boquiabertos os pioneiros da decifração da escrita cuneiforme». E adianta:

«O Dilúvio de Gilgamesh foi uma sensação na segunda metade do século XIX. Para além do choque da novidade, viu-se que a epopeia, a expressão mais significativa do génio semítico da Mesopotâmia, é uma obra invulgar e ímpar no seu género, nos parâmetros de qualquer época».

(12) *História dos Hebreus...* edição Brasil.-, p. 80.

(13) No texto de Flávio Josefo (e seguimos, aqui, o testemunho da edição referenciada na n. anterior), regista-se a este respeito: «(...) a chuva causadora do dilúvio geral começou a cair no dia 27 do segundo mês do ano 2256 depois da criação de Adão» (p. 81).

(14) *História dos Hebreus...* edição ant. cit., p. 80.

(15) Kenneth C. DAVIS, *Don't Know Much About Mythology*, 2005 (alguns anos depois da redacção que fizemos deste estudo, a Bertrand disponibilizou recentemente uma edição em língua portuguesa desta obra).

(16) Kenneth C. DAVIS, *op. cit.*

(17) José Nunes CARREIRA, *op. cit.*, (2002): «Epopeia de Gilgamesh» (pp. 143-166).

(18) José Nunes CARREIRA, *op. cit.*, p. 99. São referenciadas nesta passagem específica, quanto a fontes documentais desta epopeia, algumas fontes como a versão de TUAT (W. von Soden), III, Gütersloh, 1990, pp. 612-645; bem como versões mais antigas (e hoje reconhecidamente em grande parte ultrapassadas) como W. G. LAMBERT, A. R. MILLARD, *Atrahasis. The Babylonian Story of the Flood*, Oxford, 1968; e, mais recentemente, a versão francesa de R. TURNAY-SHAFFER, *L'Épopée de Gilgamesh* (LAPO, 15), Paris, 1994.

(19) *Idem*, *Literaturas da Mesopotâmia*, edição ant. cit., p. 154.

(20) *Idem*, *ibidem*, p. 154.

(21) FLÁVIO JOSEFO, *História dos Hebreus...* edição ant. cit., p. 81.

(22) FLÁVIO JOSEFO, *História dos Hebreus...* edição ant. cit., p. 80.

(23) Os filhos de Adão e Eva que são mencionados nominalmente nas fontes veterotestamentárias, mais especificamente no *Génesis*, são Caim, Abel e Set (4, 1s25). Quando do nascimento de Set, Adão tinha 130 anos, tendo miticamente vivido, no total, 930 anos (5,3,5). É só nos livros bíblicos mais tardios (quando a narrativa sobre o paraíso já ganhara o seu lugar actual em *Génesis*) que se encontram alusões a Adão (1 *Cron.* 1,1; *Tob.* 8,8; *Sab.* 2,23s; 9,2; 10,1s; *Eccl.* 17, 1-14; 49, 16 cf. *Sl.* 8). Mais tarde Adão tomou-se também objecto de curiosidade piedosa, o que deu origem a uma significativa quantidade de escritos apócrifos e a toda uma teologia rabínica. - Remete-se, a este respeito para *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, sob a direcção de A. VAN DEN BORN, Petrópolis (Brasil), Editora Vozes, 6.ª edição, 2004, em particular para a entrada «Adão», pp. 18-19.

(24) Esta situação de Uta-napishtim pode comparar-se (no plano das ideias), de algum modo, com a vívida por Noé (esta última perspectivada na leitura de FLÁVIO JOSEFO)

(25) José Nunes CARREIRA, *op. cit.*, p. 154, n. 93.

(26) *Catálogo do códice da livraria de mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Pública Municipal do Porto*, (coord.ª de Aires NASCIMENTO e José F. MEIRINHOS), Porto, Biblioteca Pública Municipal, 1997, pp. 113-115.

(27) Elisabeth LALOU e Claudia RABEL, *"Dedens mon livre de pensee..." De Grégoire de Tours à Charles d'Orléans. Une histoire du livre médiéval en région Centre* (direcção de Louis Holtz), Paris, Centre National de la Recherche Scientifique e Somogy Éditions d'Art, 1997, *Vide*, em particular, a secção «Les manuscrits de la Sainte Chapelle de Bourges», p. 83.

(28) Seguimos, a partir deste passo, as descrições constantes do *Catálogo General de Incunables en Bibliotecas Españolas* (2 tomos), em particular no tomo I - o qual passamos a identificar pela sigla *CGIBE* - Madrid, Dirección General del Libro y Bibliotecas, 1988. A presente obra incunabular é descrita in *CGIBE*, 3325, I, p. 527.

(29) Como se sabe, a lição dos textos de Josefo por Rufino de Aquileia já circulava na primeira metade do século XIII na Península Ibérica. Como se regista no anteriormente referenciado *Catálogo dos códices... de Santa Cruz de Coimbra*, 1997, p. 115, o intérprete do texto fixado no códice conimbricense 18 (41) é efectivamente Rufino. Existe, como é sabido, um outro conhecido Rufino, que traduziu do grego para latim e continuou a redacção (em latim) da *História Eclesiástica* que Eusébio de Cesareia tinha escrito nos sécs. III-IV.

<30> *CGIBE*, n.º 3319, I, p. 526.

<31> *CGIBE*, n.º 3320, I, loc. cit.

<32> *CGIBE*, n.º 3321, I, loc. cit.

(33) Cerca de seis a doze meses antes, curiosamente, um dos textos de Flávio Josefo tinha saído também em letra de forma na cidade de Roma. Ao ser impressa, com efeito, c. de 1485, numa oficina não identificada da capital transalpina, uma colectânea de textos de Isidoro de Sevilha, do Pseudo-Lêntulo e do Pseudo-Pôncio Pilatos, o impressor inseriu aí também a «Epístola de Christo» (ou seja, *Ant. Iud., XVII, 3*), in 4.º - Remete-se a este respeito ainda para F. M. CRAVIOTTO, *CGIBE*, I, n.º 3070, p. 487.

^{III} *CGIBE*, n.º 3322, I, p. 526.

<35> *CGIBE*, n.º 3318, I, loc. cit.

(36) Esta edição, bastante rara, foi por nós descrita in *Revista Portuguesa de História do Livro*, n.º 11, Lisboa, 2004, pp. 208-209 (secção «Movimento da Biblioteca»).

<37> *CGIBE*, n.º 3244, I, p. 527.

(38) Remete-se para as edições Conrado Haebler, *Bibliografía Ibérica del siglo XV*, (1946), 2 vols., nova edição, Madrid, Edições Jullian Ollero, 1992; e Konrad HAEBLER, *Introducción al estudio de los Incunables*, edición de Julián Martín Abad, Madrid, Ollero & Ramos Editores para o Grupo Editorial Bertelsmann, Madrid - Barcelona, 1998., pp. 166 e 203.

(39) Importa assinalar que pouco tempo depois já o impressor de Josefo, Nicholas Spindeler, se encontrava a desenvolver a sua profissão na cidade de Tarragona. Aí editou, como é sabido, em 3 de Agosto de 1484, a sua primeira obra dessa cidade, da autoria de Guido de Monte Rocherii, *Manipulus Curatorum*. A cidade de Tarragona tem, aliás, alguma importância (no plano da história da imprensa moderna) quanto à composição tipográfica de autores clássicos. Assinale-se que foi aí que em 1596 o Doutor layme Bartholomé, canónico da Catedral de Urgel, fez publicar (na oficina de Phelipe Roberto) a obra, por si vertida do latim, *Las Vidas de los Doze Cesares, de Cayo Suetonio Tranquilo, historiador curiosissimo* (obra raríssima de que também existe um exemplar na Biblioteca do CEHLE).

<40> *CGIBE*, I, loc. cit.

(41) A Alfonso de Palencia - conforme já registou Marcel Bataillon, in *Erasmus y España*, nova edição, México, 1986, p. 625) - também se ficou a dever uma versão das *Vidas*, por Plutarco (versão considerada, embora, um tanto obscura, pela geração dos humanistas que, cronologicamente, se lhe seguiram).

<42> *CGIBE*, n.º 3323, I, p. 526.